

Rui Maia Diamantino  
(Organizador)



# As Ciências Humanas e a Produção Criativa Humana 2

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Rui Maia Diamantino**

(Organizador)

# As Ciências Humanas e a Produção Criativa Humana 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C569	As ciências humanas e a produção criativa humana 2 [recurso eletrônico] / Organizador Rui Maia Diamantino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (As Ciências Humanas e a Produção Criativa Humana; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-595-2 DOI 10.22533/at.ed.952190309  1. Antropologia. 2. Teoria do conhecimento. 3. Pesquisa social. I. Diamantino, Rui Maia.  CDD 301
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Este segundo volume do e-book “As Ciências Humanas e a Produção Criativa Humana” aponta para a multiplicidade dos saberes, conforme a visão de Edgar Morin quando discute sobre o tema da complexidade. As contribuições vão desde os costumes da cultura até aos aspectos da vida prisional, que são indicativos importantes da natureza social do Brasil. Entre esses dois aspectos, a inclusão social, a discussão sobre comportamentos e sobre a atuação da educação estão presentes.

Em função da variedade dos temas que vieram para contribuir e qualificar os nossos saberes, o volume foi organizado em cinco tópicos: “memória, preservação e resgate da cultura popular”, que enfatiza a contribuição dos hábitos e valores para o estabelecimento de uma narrativa na cultura popular; “aspectos inclusivos e de mobilidade social”, com foco nas questões de pessoas com deficiência física e na posição da mulher no campo do trabalho; “perspectivas e comportamentos na terceira idade”, onde são discutidos os aspectos subjetivos do envelhecer, objeto emergente de estudos visando aos 25% de idosos na população mundial nos próximos 10 anos; “inclusividade em contextos educacionais e inovações pedagógicas”, tópico que se mostrou como o de maior contribuição para a presente publicação, refletindo a preocupação do setor acadêmico sobre os aspectos mais ventrais da educação no nosso país; e, finalmente, “comportamentos em contextos prisionais”, onde são abordadas as percepções por meio de auto relatos de mulheres e agentes penitenciários sobre suas vivências em uma das condições mais precárias que um cidadão ou cidadã pode experimentar no Brasil.

Com essas cinco seções, o leitor, a leitora, poderá aumentar suas lentes sobre os tópicos publicados, consultando, discutindo e analisando as páginas produzidas ao longo dos dezesseis trabalhos que aqui constam. São, em si, experiências de diversidade que abrangem visões das muitas regiões do país, o que torna as narrativas aqui incluídas bastante atuais para compreendermos melhor os desafios contemporâneos na construção de saberes em um país tão plural como o Brasil.

A todos e todas desejamos leituras, estudos e reflexões com muito proveito!

Rui Maia Diamantino

## SUMÁRIO

### I. MEMÓRIA, PRESERVAÇÃO E RESGATE DA CULTURA POPULAR

#### **CAPÍTULO 1 ..... 1**

A BENZEÇÃO POPULAR COMO LEGADO DE UMA ARTE FEMININA DE CURA PROVENIENTE DO ALÉM-MAR: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS

Yls Rabelo Câmara  
Lia Machado Fiuzza Fialho

**DOI 10.22533/at.ed.9521903091**

#### **CAPÍTULO 2 ..... 13**

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA E DO RÁDIO NO CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL NA ERA VARGAS (1930-1945)

João Alves Souza Filho  
Vivian Fernandes Carvalho de Almeida

**DOI 10.22533/at.ed.9521903092**

#### **CAPÍTULO 3 ..... 29**

RESGATE DO PROCESSO HISTÓRICO E CULTURAL DOS MUNICÍPIOS PARAIBANOS: A HISTÓRIA LOCAL NO MUNICÍPIO DE SERRA BRANCA/PB

Vilma de Lurdes Barbosa  
Jéssica Hellen dos Santos Araújo  
Severino Bezerra da Silva  
Suelídia Maria Calaça  
Márcia Albuquerque Alves

**DOI 10.22533/at.ed.9521903093**

### II. ASPECTOS INCLUSIVOS E DE MOBILIDADE SOCIAL

#### **CAPÍTULO 4 ..... 41**

A INSERÇÃO SOCIAL DE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA:UM ESTUDO DE CASO

Angela Maria de Camargo dos Santos  
Idorlene da Silva Hoepers

**DOI 10.22533/at.ed.9521903094**

#### **CAPÍTULO 5 ..... 53**

ASCENSÃO SOCIAL POR MEIO DOS ESTUDOS DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: DA EDUCAÇÃO BÁSICA ATÉ A UNIVERSIDADE

Camila Moraes da Rocha  
Ana Lúcia Oliveira Aguiar  
João Dehon da Rocha Junior  
José Evangelista de Lima  
Stenio de Brito Fernandes  
Geraldo Mendes Florio  
Eliane Cota Florio  
Risalva Ferreira Nunes de Medeiros  
Débora Tereza dos Santos Meneses  
Francinilda Honorato dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.9521903095**

**CAPÍTULO 6 ..... 63**

ECONOMIA SOLIDÁRIA: OS QUE PRODUZEM E AS QUE REPRODUZEM

Maria Izabel Machado

Marlene Tamanini

**DOI 10.22533/at.ed.9521903096**

**III. PERSPECTIVAS E COMPORTAMENTOS NA TERCEIRA IDADE**

**CAPÍTULO 7 ..... 87**

ENVELHECIMENTO FEMININO E SUBJETIVIDADE

Roana de Jesus Braga

Mariele Rodrigues Correa

**DOI 10.22533/at.ed.9521903097**

**CAPÍTULO 8 ..... 98**

FATORES ASSOCIADOS A QUEIXAS SUBJETIVAS DE MEMÓRIA PROSPECTIVA E RETROSPECTIVA EM IDOSOS RESIDENTES NA COMUNIDADE

Alan Ehrich de Moura

Heloisa de Freitas Pacifico

Bernardino Fernández Calvo

**DOI 10.22533/at.ed.9521903098**

**IV. INCLUSIVIDADE EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

**CAPÍTULO 9 ..... 107**

INOVANDO PRÁTICAS E METODOLOGIAS EDUCACIONAIS: POR UMA TECNOLOGIA PARA A QUEBRA DE BARREIRAS DE APRENDIZAGEM E INCLUSÃO

Camila Morais da Rocha

Ana Lúcia Oliveira Aguiar

João Dehon da Rocha Junior

José Evangelista de Lima

Geraldo Mendes Florio

Eliane Cota Florio

Risalva Ferreira Nunes de Medeiros

Débora Tereza dos Santos Meneses

Francinilda Honorato dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.9521903099**

**CAPÍTULO 10 ..... 117**

LABORATÓRIO MULTIMÍDIA PROPOSTA DE ENSINO PARA A MATEMÁTICA

Wilmar Borges Leal Junior

Robert Mady Nunes

Nailson Martins Dantas Landim

Lucyano Campos Martins

Haryson Huan Arruda da Silva Santos

Delfim Dias Bonfim

Douglas Ferreira Chaves

Suzane Aparecida Cordeiro

Helaís Santana Lourenço Mady

**DOI 10.22533/at.ed.95219030910**

<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>126</b>
LETRAMENTO E LITERATURA INFANTIL - VIVÊNCIAS COM CRIANÇAS DO PRÉ-ESCOLAR	
Ana Carolina Batista	
Degelane Córdova Duarte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95219030911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>138</b>
O SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL COMO AÇÃO DE PERMANÊNCIA E ÊXITO NO <i>CAMPUS</i> AVANÇADO FORMOSO DO ARAGUAIA, DO INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS	
Marlon Santos de Oliveira Brito	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95219030912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES: INOVANDO PRÁTICAS, TECENDO METODOLOGIAS E ADEQUAÇÕES PARA DISCENTES CADEIRANTES NO ENSINO SUPERIOR	
Samuel Carvalho Rebouças	
Ana Lúcia Oliveira Aguiar	
Stenio de Brito Fernandes	
Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes	
José Evangelista de Lima	
Francinilda Honorato dos Santos	
Eliane Cota Florio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95219030913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>156</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESTRATÉGIAS PARA INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR – CAMPUS GURUPI / IFTO	
Saturnina Soares de Carvalho	
Suelene Soares Carvalho de Albuquerque	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95219030914</b>	
<b>V. COMPORTAMENTOS EM CONTEXTOS PRISIONAIS</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>169</b>
AVALIAÇÃO DE VALORES BÁSICOS EM MULHERES PRESAS E DA POPULAÇÃO GERAL	
Carmen Amorim-Gaudêncio	
Thalita Regina Albuquerque de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95219030915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>184</b>
ESTUDO SOBRE A RAIVA E SUAS IMPLICAÇÕES EM UMA AMOSTRA DE AGENTES DE SEGURANÇA PENITENCIÁRIA DA GRANDE JOÃO PESSOA	
Carmen Amorim-Gaudêncio	
Reña Herbert Ramos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95219030916</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>195</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>196</b>



## A INSERÇÃO SOCIAL DE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO

**Angela Maria de Camargo dos Santos**

Rede Municipal de Balneário Camboriú - SC

**Idorlene da Silva Hoepers**

Instituto Federal Catarinense - Campus Camboriú  
- SC

**RESUMO:** A inserção social da pessoa com deficiência vem sendo discutida ao longo do tempo nas mais variadas áreas do conhecimento e entre elas, especificamente na educação como lugar de problematização e reflexão. Neste contexto, este trabalho tem como objetivo investigar/compreender como ocorre a inserção social de uma pessoa com deficiência física, residente na cidade de Balneário Camboriú (SC). Trata-se de estudo de caso etnográfico, com coleta de dados por meio de roteiro de entrevista semiestruturado formado por perguntas abertas, baseadas na história de vida e registradas em áudio. Após a coleta de dados ocorreu a transcrição seguida de categorização. As análises foram orientadas pela análise de conteúdo (FRANCO, 2008). Do processo de análise emergiram as seguintes categorias: família, escola, trabalho e a percepção de si. Os resultados indicaram que no processo de inclusão a figura da Mãe / família foi essencial para o desenvolvimento da autoimagem positiva. Quanto à inserção na escola e no trabalho, as dificuldades relatadas

pelo entrevistado mostram que o processo de inclusão foi difícil e que foi necessária sua adaptação vencendo os desafios para conquistar seu lugar na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão. Família. Escola.

### THE SOCIAL INCLUSION OF A PERSON WITH PHYSICAL DISABILITY: A CASE STUDY

**ABSTRACT:** The social inclusion of people with disabilities has been discussed over time by and among the most qualified in different knowledgeable areas, specifically in education as a ground for problematization and consideration. In this context, this study aims to investigate/understand how the social inclusion of a person with physical disability who lives in the city of Balneário Camboriú (SC) occurs. This ethnographic case study will conduct a data collection through a semi-structured interview script formed by open questions, based on life background stories and recorded in audio. After data collection, the content/analysis was transcribed and categorized. The analysis was one of content (FRANCO, 2008). From the process of analysis, the following categories emerged: family, school, work and the perception of self. The outcomes indicated that in the process of inclusion, the mother/family figure was essential for the development of positive

self image. As for the inclusion at both school and work, the difficulties reported by the interviewee show that the inclusion process was difficult and it was necessary to adapt so as to overcome the challenges of finding a place in society.

**KEYWORDS:** Inclusion. Family. School.

## 1 | INTRODUÇÃO

A inserção social da pessoa com deficiência vem sendo discutida ao longo do tempo nas mais variadas áreas do conhecimento e entre elas, especificamente na educação como lugar de problematização e reflexão. Ao revisitar os períodos históricos que nos antecederam, importante se faz destacar que ao longo da história da humanidade o culto ao corpo perfeito vinculado aos padrões considerados normais foi continuamente exaltado, fato que deixava os deficientes à margem da sociedade.

Esse modo de olhar para a deficiência trazia implícito um pensamento destacado por Foucault (2013) quanto à utilidade do cidadão para a sociedade, independente de ser olhado pelo viés da guerra, da arte ou do esporte. Percebido desta forma, o corpo passa a ser impossibilitado de mostrar suas variações (SERRES, 2004) como se tivéssemos que seguir um único padrão, neste caso especificamente, o físico que nos iguala desconsiderando outras formas de ser e estar no mundo.

O objetivo que norteou o desenvolvimento desta pesquisa foi investigar/compreender como ocorre a inserção social de um deficiente, residente em Balneário Camboriú (SC), pois na perspectiva da abordagem qualitativa busca-se compreensão sobre os processos e significados construídos pelas pessoas sobre determinadas situações reais. (LÜDKE; ANDRÉ, 2013). Os procedimentos metodológicos que orientaram o desenvolvimento desta pesquisa foram o estudo de caso etnográfico que conforme André (2005) se caracteriza pela atenção a um fenômeno, complexo e singular.

Para a coleta de dados foi selecionada a entrevista organizada com roteiro semiestruturado formado por oito questões abertas baseadas na história de vida com a análise pautada na análise de conteúdo que tem como objetivo “[...] a busca de sentido ou sentidos de um texto.” (FRANCO, 2008, p. 53). No movimento de análise, após sucessivas leituras foram definidas as seguintes categorias: família, escola, trabalho e a percepção de si que serão discutidas e analisadas no decorrer deste texto.

Na sequência, apresentamos a caracterização do sujeito entrevistado e em diálogo com os autores será problematizada/discutida a deficiência por meio das categorias seguida pelas considerações finais.

## 2 | CARACTERIZANDO O SUJEITO ENTREVISTADO

A pessoa entrevistada nasceu em 1963, na cidade de Rio do Sul onde permaneceu até os 5 anos de idade. É o 4º filho entre os seis irmãos, sendo dois

homens e quatro mulheres. Nasceu com má formação física e teve suas pernas fraturadas durante o parto por erro médico. Contou ele que, na hora do nascimento, suas pernas estavam entrelaçadas e que ao tentar desentrelaçá-las, a enfermeira provocou múltiplas fraturas nas pernas direita e esquerda. Diante da situação, os médicos sugeriram a eutanásia justificando que seria o melhor. A mãe, mesmo sem tê-lo visto, recusou, pois queria seu filho independente da condição física.

Relatou ainda que as crianças nascidas com deficiência, na época, muitas das vezes já ficavam no hospital. Aos 6 anos, com a família, passou a residir em Balneário Camboriú (SC), onde atualmente vive. Sua família escolheu morar em Balneário Camboriú, por ser uma cidade plana, condição que para um cadeirante, facilitaria sua locomoção.

Ao fazer referência ao ato de brincar na sua infância, o entrevistado mencionou que quando sua mãe o colocava para brincar no chão com seus irmãos, durante as brincadeiras, tiravam seus brinquedos, para vê-lo chorar. Percebendo a situação, sua mãe enfatizava que era necessário ter atitude, não ficar intimidado, ou seja, que tomasse iniciativa em resolver seus problemas para conquistar e construir seu espaço de relacionamento social.

Enquanto usuário de cadeira de rodas se movimenta de forma limitada, pois apresenta membros superiores e inferiores com atrofia. É uma deficiência congênita, no entanto, apesar de todas as dificuldades de locomoção, na época, a mãe fez várias tentativas em anos consecutivos para matriculá-lo na escola, período em que teve a oportunidade de estudar até o Ensino Médio nesta mesma Escola Estadual.

No decorrer de seus percursos, constituiu família, cursou Licenciatura em Pedagogia e Mestrado em Educação. Ainda na década de 1990 escreveu seu primeiro livro datilografado e foi aprovado em concurso público no Município de Balneário Camboriú na área de formação. No período da produção de dados estava concluindo especialização em Inclusão e ministrava palestras motivacionais direcionadas a empresas e escolas.

Revelou, ainda, que sua inserção no mercado de trabalho passou por situações desfavoráveis quanto às adaptações nos espaços e entornos. O descrédito na sua capacidade e competência, em função da deficiência, eram constantes e demonstrados nas mais diversas situações. Atribui seu sucesso profissional ao fato de ter construído vínculos afetivos que lhe deram segurança para superar e redefinir sua vida.

### **3 | DESAFIOS DA INCLUSÃO: RELATOS DE UMA PESSOA DEFICIENTE**

A deficiência não se restringe apenas a lesão que a pessoa traz em seu corpo, mas também evidencia a falta de políticas básicas e estrutura na vida social. A pessoa com deficiência está situada em uma realidade social e a sociedade é responsável por diminuir essas limitações. Deste modo, deficiente, é qualquer coisa ou local que apresente barreiras de acessibilidade. (DINIZ, 2007).

Considerando que o entrevistado nasceu no início da década de 1960, o seu nascimento, na condição de deficiente, foi inesperado, pois na época não existia tecnologia para saber o sexo da criança, nem se a criança nasceria com alguma deficiência. A notícia de uma criança com deficiência altera o equilíbrio da família, pois estamos vinculados a um paradigma de normalidade que nos acompanha no decorrer da vida. A sociedade na qual estamos inseridos, ainda traz consigo marcos históricos do sujeito perfeito. (BIANCHETTI; BERMAN, 2012). Exemplos destes marcos históricos podem ser citados quanto aos aspectos físicos, que continuam provocando discriminações e apesar da à garantia dos direitos sociais e educacionais, mas a família, conforme Sá e Rabinovich (2006) continua tendo papel fundamental na inserção social da pessoa deficiente conforme relatos apresentados a seguir.

### ***A família: As coisas que lembro da infância é que minha Mãe nunca me tratou diferente...***

A família é a base fundamental para que a pessoa com deficiência alcance a inclusão social. Neste sentido, o entrevistado salientou a importância da família, especialmente a figura materna em seu desenvolvimento e educação. Revelou que a família o fez, a base do que é hoje. *“Como costume dizer, tive a felicidade de ter tido uma grande Mãe, ela me aceitou sem ter me visto.”* Esta afirmação nos leva a considerar que a Mãe tinha consciência que deveria fazê-lo acreditar, que seria capaz de fazer muitas coisas. Sobre a importância da figura materna Moura e Valério (2003) nos auxiliam na compreensão ao afirmar que “[...] a mãe tem sido, historicamente, considerada a figura central da família; ela é considerada o foco dos mais significativos alinhamentos familiares. Quando a criança age a mãe reage e, por sua vez, a criança reage à mãe, de um modo circular.” (MOURA; VALÉRIO, 2003, p. 47).

Como figura central a Mãe foi cuidando dos vínculos afetivos e laços familiares que determinaram suas primeiras experiências de socialização e acolhimento, pois em cada família há valores transmitidos que, nas várias gerações envolvem afeto e identidade. A esse respeito, consideramos relevante trazer as contribuições de Sá e Rabinovich “[...]. A família é o principal agente da socialização primária e onde se produzem relações de cuidado entre os seus membros através da proteção, do acolhimento, respeito à individualidade e potencialização do outro.” (SÁ; RABINOVICH, 2006, p. 70).

Tais vínculos afetivos determinaram seu desenvolvimento e no seio familiar, seus irmãos desempenharam importante papel em sua vida desafiando-o constantemente. Com o propósito de incentivar o potencial de seu filho, a Mãe, incansável, utilizava estratégias para que ele percebesse a importância de se defender ao invés de ficar inerte. A socialização com seus irmãos foi fundamental, pois a intenção era provocá-lo para que ele desse seu jeito de resolver sozinho os problemas, tornando-se, aos poucos, independente.

Segundo o entrevistado a mãe o incentivava a vencer constantemente as barreiras que, naquela etapa da vida, possibilitavam que ele se familiarizasse com os desafios a serem enfrentados para além do contexto familiar, com o propósito de prepará-lo para superar dificuldades. Conforme Vygotsky (1984), quanto mais cedo a criança for estimulada, menos evidentes serão suas deficiências. O autor ainda enfatiza

Um defeito ou problema físico, qualquer que seja sua natureza, desafia o organismo. Assim o resultado de um defeito é invariavelmente duplo e contraditório. Por um lado, ele enfraquece o organismo, mina suas atividades e age como uma força negativa. Por outro lado, precisamente porque torna a atividade do organismo difícil, o defeito age como um incentivo para aumentar o desenvolvimento de outras funções no organismo; ele ativa, desperta o organismo para redobrar atividade, que compensará o defeito e superará a dificuldade. (VYGOTSKY, 1984, p. 233).

Mesmo que de modo inconsciente, a figura materna oferecia incentivos que insistentemente o levavam a superar seus limites por meio da oportunidade de reagir e descobrir a si mesmo. Sobre as oportunidades de inclusão que vivenciou no contexto familiar que lhe proporcionaram competências sociais, emocionais e cognitivas afirmou que sempre se sentiu incluído.

O importante papel que a família desempenhou e continua desempenhando em sua vida permitiu estabelecer certezas afetivas, potencializando sua autoconfiança, para adquirir a independência. Na família existia a palavra e o ato da inclusão, e esse modo peculiar de aceitá-lo se estendeu aos seus amigos que o levavam para todo lugar possibilitando experiências variadas, que provavelmente, de modo inconsciente o incluíam na sociedade.

As atitudes relatadas revelam que o preconceito e a falta de esclarecimentos, por parte das pessoas, sempre esteve presente e que, dependendo do modo como são recebidas ou tratadas podem despertar sentimento de rejeição, opressão e isolamento; atingindo não somente o deficiente, mas também, aqueles que com ele convivem. Sobre o preconceito Aquino nos apresenta importante contribuição: “[...] como a própria construção da palavra indica, é um conceito que formamos aprioristicamente, anterior, portanto à nossa experiência.” (AQUINO, 1998, p. 17).

A sociedade expõe e faz juízo de valores de forma preconceituosa. Muitos ainda defendem que a primeira impressão é a que fica, ou seja, sem ter conhecimento real das potencialidades da pessoa, utilizam inconscientemente os padrões de normalidade assimilados durante a sua vida. De acordo com Santos “o preconceito está geralmente relacionado com a ignorância, aqui vista como a ausência de conhecimento acerca de determinado assunto.” (SANTOS, 2013, p. 10).

Diante do exposto, acrescenta-se que atitudes preconceituosas podem ser minimizadas por aquelas pessoas que tiveram experiências afetuosas em família. Neste caso, a família contribuiu para que ele aprendesse com os desafios desde cedo, pois o modo como iria conduzir sua vida e como iriam recebê-lo, dependeria somente dele.

### **A escola: A escola foi um processo um pouco complicado...**

A Escola é vista como espaço de construção e socialização do saber historicamente produzido pela humanidade e como ferramenta de transformação social. Porém, a realidade apresentada ao entrevistado na década de 1970 quando a Mãe insistia em matriculá-lo na escola não era condizente com a inclusão e as pessoas com deficiência não eram aceitas nas escolas, ainda que a garantia do direito a todos esteja presente desde 1948. (ONU, 1948).

Foram muitas as vezes que a Mãe insistiu em diferentes escolas sobre a necessidade de matricular seu filho para que ele tivesse oportunidade de aprender. Diante das negativas, a Mãe, preocupada com a situação, resolveu tentar alfabetizá-lo em casa: “[...] A escola, foi um processo um pouco complicado, [...], minha Mãe, tentou me matricular [...] onde já estudavam minhas irmãs, a escola era estadual. E eu, não fui aceito na escola, aqui em Balneário Camboriú, [...] por ser pessoa com deficiência, na época era aleijado, [...]. E a Mãe não sabia que a escola naquele tempo, não aceitava pessoas com deficiência [...]. Ela pensava que as pessoas não acreditavam na minha capacidade. ”

O envolvimento familiar no processo de alfabetização da criança propicia percurso favorável, influenciando em seu aprendizado. Neste sentido, Santos (2013) destaca a importância da participação da família no processo educacional dos filhos fazendo referência à necessidade de a mesma assumir sua parcela de responsabilidade quanto ao aprimoramento da educação dos filhos.

Concordando com a autora sobre os questionamentos e valores que acompanhavam sua Mãe declara o entrevistado: “[...] ela teve a capacidade de tomar uma iniciativa muito grande [...] referente à minha vida [...]. Percebeu alguns movimentos que eu fazia como, rolar para pegar alguns brinquedos com a boca. Então me ensinou a escrever com a boca, depois, contou para Balneário todinho, que eu sabia ler e escrever em seis meses.” A força de vontade e insistência da Mãe o contagiava, pois, todas as atividades que ela propunha, ele se esforçava para ter êxito.

Como boa observadora que era, não tardou para que a Mãe percebesse que os repetidos movimentos que fazia com a boca para prender o lápis logo afetariam sua dentição. A nova estratégia foi tentar fazê-lo escrever com o pé, ou com uma das mãos, além de brincar constantemente com seus irmãos com o jogo de varetas, que por conta de sua reduzida mobilidade foi adaptado com novas regras. A força de vontade e o estímulo eram de todos.

Na época, a Mãe não podia mais esperar para matriculá-lo na escola. “[...] mãe volta e dessa vez, para matricular o irmão mais novo, pede, para a escola fazer um teste drive comigo.” Pelo relato percebe-se a insistência da Mãe que já havia recebido várias negativas por parte da Escola, pois considerava que o lugar do seu filho era na escola (SANTOS, 2013).

As famílias conhecem e sabem a capacidade que têm seus filhos. Estar presente e mantê-los motivados na vida escolar faz toda a diferença. É fundamental que a escola adote a postura da parceria com a família. Buscando essa parceria, o argumento utilizado para que a escola o aceitasse foi o de que já estava lendo e escrevendo, fato que não diminuiu a resistência da escola. Como iria sentar na cadeira “[...] *se eu tinha que sentar sobre o caderno?*”

O que estava em pauta era o fato de a Escola necessitar lidar com uma criança que, por condições físicas, estava impedida de sentar em uma carteira. A indiferença se fazia presente na negação de um direito. Sobre este aspecto Bianchetti e Correia destacam que há “[...] uma atitude de profunda indiferença em relação à desigualdade social, que se exprime no campo educativo por uma insensibilidade aos dispositivos de discriminação escolares.” (BIANCHETTI; CORREIA, 2011, p. 172).

Esses preceitos promovidos por estereótipos geradores de indiferenças, insensíveis, inflexíveis no campo educativo levam ao desestímulo e retiram a responsabilidade da Escola, tanto da aprendizagem quanto da inclusão. Relatou o entrevistado que a Escola o matriculou, mas esclareceu que ele não teria direito a adequações e apesar dos avanços no campo teórico sobre a inclusão de pessoas com deficiência, nas escolas, as resistências, a falta de conhecimento e Políticas Públicas mais uma vez se fizeram presentes.

No campo prático, a Escola e seus professores não estavam preparados para receber uma criança que visivelmente desafiava os padrões de normalidade. Considerando que os fatos ocorreram no início da década de 1970, Fabris; Kein (2013, p. 51) destacam “[...] Nas décadas de 1970 e 1980, as práticas de distribuição dos corpos ficam mais evidentes nos enunciados especialmente com a multiplicação dos espaços chamados “classes especiais” e “escolas especiais” para os alunos narrados pelos discursos da Educação Especial. [...]”

Ou seja, evidenciam aqueles corpos que necessitam serem regularizados, dando-lhes encaminhamentos especiais e negando a inserção social. Nesta linha de pensamento, as estratégias de inserção eram pensadas pela Mãe, que providenciou um tapete para que ele ficasse “[...] *sentado no chão na frente dos meus colegas, ali eu estudei as três primeiras séries.*” Quando teve a oportunidade de sair do tapete na série seguinte, o fez por meio de um presente, uma carteira maior, que recebeu de um amigo da família.

Embora estivesse frequentando a escola, evidenciou-se a falta de adaptações nos espaços escolares. É nesse sentido que ressalta: “[...] *a escola, nunca se adaptou [...]. Lembro como se fosse hoje. [...] até para entrar na escola, sempre teve um degrau, uma barreira. Inclusive [...] o banheiro da escola, eu nunca usei, porque não era adaptado.*” A esse respeito, Sá e Rabinovich (2006, p. 69) advertem que a falta de “[...] acessibilidade à escolarização e ao lazer, tornam frequentemente sua incapacidade mais acentuada, limitando sua independência nas atividades da vida diária e sua autonomia, comprometendo assim sua integração e socialização [...]”

## O trabalho: *No trabalho, foi a coisa mais complicada da minha vida...*

A expressão deficiência não está mais centrada na pessoa, mas sim, na sociedade, que tem a dificuldade de superar as diferenças existentes, com qualquer pessoa que não esteja de acordo com padrões em vigor (ARAÚJO; FERRAZ, 2010). Os modelos de padrões aceitáveis pela sociedade a tornam deficiente, ou seja, as deficiências não estão enquadradas nas pessoas que não fazem parte desse círculo, e sim, na sociedade que não possui estruturas e políticas sociais adequadas.

Ao adentrar no universo do mercado de trabalho, a pessoa com deficiência é julgada pela sociedade como incapaz de realizar suas tarefas. Na condição de cadeirante o entrevistado mais uma vez insistiu afirmando que “[...] *o trabalho, foi a coisa mais complicada da minha vida, foi muito difícil arrumar emprego na área e fora dela.*” Sobre esse desafio Glat *et al* afirmam que

O ingresso no mercado de trabalho, sob diferentes condições, é uma etapa determinante no processo de amadurecimento de qualquer jovem. [...], vem apontando os sentimentos de angústia, dúvida e indecisão compartilhados por jovens, independente da classe social, em relação à transição para vida adulta, sobretudo, no que tange à sua inserção no mercado de trabalho. (GLAT, *et al*, 2011, p. 24).

Se em condições ditas “normais” a inserção do jovem no mercado de trabalho gera expectativas, na condição do entrevistado havia outros fatores, a exemplo do fato de ser cadeirante que contribuía para o alargamento dos desafios. Prestou concurso público e comentou o entrevistado que “[...] *me inscrevi, aceitaram minha inscrição, paguei a inscrição, fiz as provas e passei. [...] quando me apresentei fui desclassificado por ser pessoa com deficiência. [...] Foi uma das coisas que eu mais senti.*”

Quando em vagas formais a inserção era difícil, “[...] *trabalhava como autônomo, vendia loteria federal, fazia algumas coisinhas para fora, assim fui me virando.*” Sem carteira assinada, foi agarrando as oportunidades que surgiam buscando provar sua capacidade: “[...] *trabalhei em uma contabilidade no departamento financeiro, fazendo cálculos, por uns dois anos*”, local onde conseguiu pôr em prática o aprendizado utilizando a prancheta portátil (tecnígrafo) que havia ganho de seu professor.

Após essa experiência foi contratado por uma empresa terceirizada para prestar serviços na gestão municipal. No entanto “[...] *fui contratado como uma forma de fazerem um favor porque eu ficava sem fazer nada, o dia inteiro.*” A esse respeito Assis e Freitas (2014) problematizam a inclusão:

Contudo, realizar de fato a inclusão das pessoas com deficiência no complexo processo produtivo ainda é um desafio, uma vez que existem preconceitos em relação à sua capacidade contributiva e participativa num contexto competitivo que retrata o atual perfil de grande parte das empresas. (ASSIS; FREITAS, 2014, p. 5)



Segundo o entrevistado, foram inúmeras as vezes que solicitou por maiores oportunidades no ambiente de trabalho: “[...] me deixem pegar a prancheta, que eu dou conta de fazer.” Com muita insistência, conseguiu ser reconhecido: “[...] fui desenhando, desenhando, quando o cara viu eu estava organizando o trabalho deles, quase 15 dias de atraso, em uma semana. [...] tive que provar por a mais b. Não me conformava de ficar parado. ”

Conforme o tempo foi passando foi conquistando sua inserção e mostrando sua capacidade, progredindo profissionalmente, mas destacou que, quando assumiu suas funções, recebeu sua ferramenta de trabalho: “[...] eles deram uma máquina de escrever normal.” Sobre esses desafios declarou: “[...] nunca foi nada adaptável. E se eu quisesse fazer alguma coisa a mais, do que eu fazia, tinha que levar a minha carteira. ”

Os aspectos citados pelo entrevistado são problematizados por Santos (2013) ao considerar que houve avanços, quando, com a reformulação das políticas, o foco sai da provisão de serviços a determinados grupos, para disponibilizá-los a cada cidadão que necessitar de serviços ajustáveis. Podemos afirmar que atualmente a reformulação de políticas educacionais, na perspectiva da inclusão, disponibiliza serviços com suportes à população que necessita de adaptações em seus ambientes de trabalho. O entrevistado é um desses exemplos, que usufrui do avanço da tecnologia assistiva desenvolvendo suas atividades na cadeira de rodas e com um notebook, além de utilizar outras técnicas, outros programas para digitar, como, por exemplo, o software que capta a voz e digita em tela, os quais se adaptam à sua atual condição: “referente ao meu trabalho, eu fui evoluindo, nunca fiquei parado [...]. Acho que o trabalho além de trazer o sustento da pessoa, traz uma dignidade, uma ocupação.” É assim que gosta de ser, ativo, ocupado, procurando sempre se aperfeiçoar e confiante em si mesmo.

### **A percepção de si: depende do olhar da sociedade, [...] minha Mãe me ensinou algo fantástico, me ensinou a caminhar sem pôr os pés no chão**

Outra categoria marcante nas análises foi a percepção de si, pois atribui todas as suas conquistas às influências originadas na família e no círculo de amigos. Somente se percebe deficiente fisicamente. Na sociedade se vê como qualquer outro cidadão e não se importa sobre como é visto pela sociedade. A esse respeito. Santos (2013, p.10) afirma “[...] E o “novo” se impõe a cada instante, incomoda a quem não está suficientemente preparado para recebê-lo. Destroem aqueles que o rejeitam. [...]” Apesar de sua autoimagem positiva, tem consciência de que, uma parte da sociedade o vê como deficiente, e outra como modelo de superação. Acredita que a sociedade o observa, pelos dois ângulos: de um lado, um profissional que contribui e não se sente um “**estorvo**” para a sociedade, tem audácia e luta pelos ideais. Considera-se um

sujeito comum que não anda. Por outro lado, há pessoas que lhe vêm como deficiente “[...] que deveria estar no meu lugar, em uma esquina pedindo esmola. [...] depende do olhar da sociedade. ”

O que o torna diferente é a capacidade de transformar-se constantemente em um outro, em um movimento que, para Serres (2004, p. 47) indica que “[...] se ele sabe construir esse novo estado fora do antigo equilíbrio pode-se pensar que a própria vida se estabelece desde sempre. [...]” Esse equilíbrio, segundo o entrevistado, tem origem nas ações de sua Mãe, que foi peça fundamental em sua vida, pois desde pequeno ela o fez “[...] enxergar como eu era”, de modo que tanto a deficiência quanto os desafios e superação fossem encarados de modo natural: “Ela me pegava no colo, só de cueca, me botava sentado num banquinho de frente para o espelho. Apontava para aquele espelho e dizia, por isso que as pessoas querem te dar esmolas, por isso que as pessoas não querem chegar perto de ti.”

Esse contínuo exercício de olhar para si provocou a audácia: “[...] fui criando essa audácia dentro de mim, eu não via meu estado físico [...] eu via um jovem que andava de cadeira de rodas, eu via um galã, um gatão, mexia com as meninas [...] minha Mãe me ensinou algo fantástico, me ensinou a caminhar sem pôr os pés no chão.” Esse sentimento de diferença, de “caminhar sem por os pés no chão” vai ao encontro das afirmações de Carvalho (2016, p. 13) quando afirma que “Somos diferentes. Essa é a nossa condição humana. Pensamos de jeitos diferentes, agimos de formas diferentes, sentimos com intensidades diferentes.” Essas são possibilidades de múltiplas aprendizagens, que permitem viver e conviver com o diferente resignificando continuamente a compreensão de nos colocarmos no lugar do outro considerando suas/nossas potencialidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar na análise dos relatos do entrevistado, foram evidenciadas as categorias família, escola, trabalho e a percepção de si. A figura materna, o acolhimento da família e amigos foram a base de tudo, essenciais para a compreensão de sua condição física, autoconfiança, equilíbrio e perseverança. A Mãe, em particular, sempre o incentivou e o impulsionou para a conquista do seu espaço na sociedade.

O ingresso na escola também somente se efetivou por conta da insistência da Mãe, que entendia a escola como a instituição formal para o acesso ao conhecimento historicamente acumulado. Por outro lado, a necessidade da insistência da Mãe caracteriza a resistência da escola para acolher uma criança com diversas limitações físicas e que não se encaixava nos padrões de normalidade com os quais a escola estava acostumada a lidar. Tal resistência pode ser percebida nos questionamentos realizados por parte da escola como, por exemplo, sobre a limitação física que o impedia de sentar-se como seus colegas, o que evidencia que o lugar do aluno era e

continua sendo sentado em uma carteira.

A inserção no mercado de trabalho, também seguiu os moldes iniciais de “rejeição” pelas condições “desfavoráveis” e desafiadoras para um cadeirante que necessitava “provar” sua capacidade para o exercício do trabalho. Era ele, o deficiente, que necessitava se adequar às condições dos vários ambientes para conquistar o direito de trabalhar.

Sobre a percepção de si, o entrevistado acredita que a sociedade lhe vê, sob dois ângulos: de um lado, um profissional que contribui para a sociedade, tem audácia e luta pelos seus ideais. Por outro, há pessoas que lhe vêem unicamente como deficiente sem lugar no paradigma de normalidade instituído na sociedade. No entanto, ele se vê como pessoa comum, “normal”, pois para se movimentar utiliza de um dispositivo – a cadeira de rodas, fato que, para Santos (2013, p. 10) “[...] incomoda a quem não está suficientemente preparado para recebê-lo.”

Considerando as discussões e problematizações levantadas neste estudo de caso, foi possível perceber os desafios e superações vividas por uma pessoa com deficiência física. No entanto, apesar dos avanços históricos que temos tido no âmbito da inclusão, ainda há um longo caminho a ser percorrido no que se refere à inclusão social, para quem sabe, um dia, se tornar realidade para todos, no sentido mais completo da palavra.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP). Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

AQUINO, J. G. **Diferenças e preconceitos na escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. Dados Internacionais de Catalogação (CIP). São Paulo: ed. Summus, 1998.

ARAUJO, E. A. B. S. de; FERRAZ, F. B. O conceito de pessoa com deficiência e seu impacto nas ações afirmativas brasileiras no mercado de trabalho. In: **Anais do XIX Encontro Nacional do CONPED**. Fortaleza, CE: 2010. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3348.pdf>. > Acesso em: 15 jun. 2018.

ASSIS, A. M; FREITAS, M. N. C. Estudo de caso sobre a inserção de pessoas com deficiência numa organização de grande porte. 78. ed. Porto Alegre, RS: In: **Rev. Eletrônica de Administração**. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/read/v20n2/1413-2311-read-20-02-0496.pdf> > Acesso em: 8 ago. 2017.

BIANCHETTI, L; BERMAN, M. **Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes**. 12. ed. Campinas, SP: 2012.

BIANCHETTI, L; CORREIA, J. A. **In/exclusão no trabalho e na educação: aspectos mitológicos, históricos e conceituais**. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP). Campinas, SP: Papyrus Editora, 2011.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva: os pingos nos “Is”**. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP). Porto Alegre, RS: ed. Mediação. 2016.

DÍNIZ, D. **O que é Deficiência**. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP). Câmara

Brasileira do Livro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FABRIS, E. T. H; KEIN, R. R. **Inclusão e Biopolítica**. Coleção Estudos Foucaultianos. Belo Horizonte: ed. Autêntica. 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes. Petrópolis, 2013.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília, DF: Líber Livro, 2008.

GLAT, R. et al. **Inclusão e pessoas com deficiência e outras necessidades Especiais na escola e no trabalho**. 2011. Disponível em: <[http://www.sjp.pr.gov.br/wp-content/uploads/2013/04/CIEE\\_texto\\_GLAT\\_et\\_all\\_versao\\_final\\_agosto\\_2011.pdf](http://www.sjp.pr.gov.br/wp-content/uploads/2013/04/CIEE_texto_GLAT_et_all_versao_final_agosto_2011.pdf)> Acesso em: 06 de ago. 2018.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013. 112 p.

MOURA, L; VALÉRIO, N. A Família da criança deficiente. Mackenzie. In: **Cad. Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**. São Paulo: vol. 3, 2003. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Adotada e Proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (*resolução 217 A III*) em 10 de dezembro 1948. Disponível em:<[https://www.unnecf.org/brazil/pt/resources\\_10133.htm](https://www.unnecf.org/brazil/pt/resources_10133.htm)> Acesso em: 5 ago.2018.

SÁ, S. M. P; RABINOVICH, E. P. Compreendendo a família da criança com deficiência física. In: **Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano**, São Paulo: vol. 16, n.1, abr. 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822006000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000100008)>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SANTOS, M. P. dos. **Dialogando sobre inclusão em educação: contando casos (e descasos)**. Curitiba, PR: CRV, 2013. 88 p.

SERRES, M. **Variações sobre o corpo**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho, Marisa Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2004. 144 p.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agentes de Segurança Penitenciária 8, 184, 185, 188, 190, 192, 193

Ansiedade e Depressão 102

Aprendizagem 7, 47, 57, 58, 59, 81, 92, 93, 107, 108, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 140, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 159

Ascensão Social 6, 20, 22, 53, 54, 60

### C

Contextos Educacionais 5

Cultura Popular 5, 25, 31

### D

Desigualdade Social 47

### E

Economia Solidária 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 79, 81, 82, 83, 84, 85

Educação Inclusiva 51, 54, 55, 57, 58, 60, 61, 110, 111, 115, 147, 148, 152, 153, 156, 157

Educação Infantil 39, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 137

Ensino de História 29, 38

Ensino de Matemática 117, 124

Ensino Superior 53, 54, 55, 58, 59, 102, 107, 108, 111, 112, 147, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 166, 167, 168

Envelhecimento Feminino 87, 89, 90, 91, 94

### F

Formação de Leitores 126, 127

### G

Gendrificação 63, 64, 65, 66, 71, 74

Gênero 11, 61, 63, 64, 65, 70, 73, 75, 78, 81, 83, 84, 85, 86, 91, 95, 115, 155, 172, 177, 183, 185, 189, 190, 191, 193

### I

Inclusão Escolar 116

Inclusão Social 5, 44, 51, 140, 150

### L

Letramento 7, 89, 116, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 163

Libras 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167

## **M**

Medicina Popular 1, 9, 12

Mobilidade Social 5

## **S**

Sistema Prisional 170, 171, 182, 185, 186, 193

Surdos 115, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 166, 167, 168

## **T**

Tecnologia Assistiva 49, 107, 108, 112, 147, 148, 153, 154

Terceira Idade 5, 87, 88, 89, 90, 92, 94, 96, 97, 101

## **V**

Vínculos Sociais 87, 93, 96

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-595-2

